

Ensino Superior a Distância como Possibilidade de Mobilidade Intergeracional – Caso de Mulheres Adultas da Universidade Aberta do Brasil (UAB)

Distance Higher Education as a Possibility of Intergenerational Mobility – Case of Adult Women at the Open University of Brazil (UAB)

ISSN 2177-8310
DOI: 10.18264/eadf.v12i2.1660

Resumo

Thalita Rodrigues Rossi^{1*}
Márcia Barroso Fontes¹

¹Universidade Federal de Viçosa.
Campus Viçosa – Viçosa – MG – Brasil.

*thalita.rossi@ufv.br

O ensino superior a distância tem se mostrado uma opção viável para aprendizes adultos, devido à flexibilidade oferecida pelo aprendizado *on-line*, permitindo que os alunos combinem estudo com trabalho remunerado, família e outras responsabilidades, além de elevar a mobilidade intergeracional de educação. No entanto, quando se trata de mulheres adultas, observa-se um padrão em relação ao nível de escolaridade entre pais e filhas, bem como, a interferência da composição familiar e/ou presença de filhos, na conclusão ou desistência de cursos de graduação a distância. O objetivo deste artigo é apresentar o perfil do público que realiza os cursos de graduação a distância de uma Instituição Pública de Ensino Superior, vinculada ao Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB), com foco nas mulheres adultas (com idade acima de 25 anos). Para melhor compreender este fenômeno, foram utilizados dados secundários do cadastro e questionário de pesquisa socioeconômico aplicado aos egressos dos cursos, no período de 2011 a 2015. Os resultados apontam uma tendência média de aumento da mobilidade intergeracional de educação. Essa tendência parece ser impulsionada, principalmente, por políticas educacionais que beneficiaram particularmente as mulheres adultas, filhas de pais com baixo grau de instrução, já atuam no mercado de trabalho, possuem filhos e estão acessando pela primeira vez o ensino superior.

Palavras-chave: Ensino superior a distância. Mobilidade intergeracional de educação. Mulheres adultas.



Recebido 23/11/2021
Aceito 09/06/2022
Publicado 13/06/2022

COMO CITAR ESTE ARTIGO

ABNT: ROSSI, T. R.; FONTES, M. B. Ensino Superior a Distância como Possibilidade de Mobilidade Intergeracional – Caso de Mulheres Adultas da Universidade Aberta do Brasil (UAB). **EaD em Foco**, v. 12, n. 2, e1660, 2022. doi: <https://doi.org/10.18264/eadf.v12i2.1660>

Distance Higher Education as a Possibility of Intergenerational Mobility – Case of Adult Women at the Open University of Brazil (UAB)

Abstract

Distance higher education has proven to be a viable option for adult learners due to the flexibility offered by on-line learning, allowing students to combine study with paid work, family and other responsibilities, as well as enhancing the intergenerational mobility of education. However, when it comes to adult women, there is a pattern in relation to the level of education between fathers and daughters, along with the interference of family composition and/or the presence of children, in the completion or withdrawal of undergraduate courses at distance. The purpose of this article is to present the profile of the public who take the distance undergraduate courses of a Public Institution of Higher Education, linked to the Open University System of Brazil (UAB), focusing on adult women (over 25 years old). To better understand this phenomenon, secondary data from the registration and from the socioeconomic research questionnaire applied to graduates from the courses in the period from 2011 to 2015 were used. The results show an average trend of increasing intergenerational mobility in education. This trend seems to be driven mainly by educational policies that have particularly benefited adult women, who are accessing higher education for the first time also are already active in the labor market, have children and are daughters of parents with low levels of education.

Keywords: *Distance higher education. Intergenerational mobility of Education. Adult women.*

1. Introdução

Avanços ocorridos, sobretudo na primeira década dos anos 2000, permitiram a ampliação e democratização das oportunidades de acesso ao ensino superior brasileiro. Dentre as políticas educacionais, a criação do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB), oficializado em 2006, pelo Decreto nº 5.800, para “o desenvolvimento da modalidade de educação a distância, com a finalidade de expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior no País” (BRASIL, 2006).

Surge, assim, uma nova realidade, especialmente para as mulheres adultas e da classe trabalhadora, que por algum motivo tiveram que interromper os estudos e/ou são impedidas de estar presencialmente e diariamente em uma sala de aula. Dados do INEP (2019) atestam essa realidade, de que no geral elas são a maioria (57% estão matriculadas) nas instituições de ensino superior presenciais e a distância, e têm 34% mais probabilidade de alcançar maior escolaridade do que os homens, segundo um estudo do INEP (2019). Somente na Educação a Distância (EAD), elas representam 54%, e 66,9% estão na faixa etária de 26 e 40 anos de idade (CENSO EAD.BR, 2019).

Este contexto brasileiro atual forneceu um ímpeto para o estudo da mobilidade intergeracional de educação entre mulheres adultas, uma vez que, elas estão aumentando sua participação no ensino superior e nos mais diferentes segmentos da sociedade. Entretanto, existem muitas barreiras envolvendo o acesso,

permanência e conclusão, de fato, da participação feminina em cursos de graduação EAD nas Instituições Públicas de Ensino Superior (IPES), principalmente, das mulheres adultas que nascem em uma família vulnerável, com baixo nível de educação, poucos empregos ativos acumulados e qualificados e residentes em ambientes desfavoráveis. Este conjunto de padrões existentes na história familiar condicionam fortemente as chances dessa filha quando adulta, atingir níveis mais elevados de realização educacional comparado aos da geração anterior.

A partir de uma revisão de literatura, percebeu-se que, nos últimos anos, pesquisas têm colocado maior ênfase na compreensão dos fatores subjacentes a essa correlação intergeracional de educação, investigando as condições de vida das famílias, sua origem social, econômica e outras questões como gênero e raça. No geral, os estudos atenuam a conclusão que um nível educacional familiar baixo pode ser um forte preditor para diminuir as aspirações educacionais das gerações seguintes (SINGH, 2020; MAHLMEISTER *et al.* 2019; STONE *et al.* 2016; NGUYEN, 2018). Entretanto, de acordo com o ponto de vista de Terres-Trindade (2012), há uma busca por novos padrões considerando os novos contextos ou realidades, às vezes, completamente opostos aos padrões existentes na própria história familiar.

Diante do exposto, objetiva-se por meio de um estudo com enfoque quantitativo, apresentar qual o perfil do público que realiza os cursos de graduação a distância de uma Instituição Pública de Ensino Superior, vinculada à UAB, com foco nas mulheres adultas, com idade acima de 25 anos. Para compreender de que forma essas egressas promoveram ou não mobilidade intergeracional, ou seja, analisar a influência da relação família-educação, traçando um parâmetro de comparação entre o grau de instrução de pais/filhos, e a influência da composição domiciliar e/ou presença de filhos na conclusão ou desistência dos cursos de graduação a distância. Foi realizada uma pesquisa com 225 egressos dos cursos de Licenciatura em História e Matemática a distância, oferecidos por uma Instituição Pública de Ensino Superior, por meio da UAB, no período entre 2011-2015.

Conforme mostram os estudos existentes, foi observada uma tendência média de aumento da mobilidade intergeracional de educação. Essa tendência parece ser impulsionada, principalmente, por políticas educacionais que beneficiaram particularmente as mulheres adultas, filhas de pais com baixo grau de instrução, já atuam no mercado de trabalho, possuem filhos e estão acessando pela primeira vez o ensino superior.

Embora grande parte da ênfase política, até o momento, tenha se concentrado na ampliação e interiorização do acesso ao ensino superior, esta pesquisa destaca a necessidade de se pensar outros indicadores, para também explicar a baixa conclusão nos cursos vinculados à UAB, com o propósito de garantir a redução das desigualdades entre mulheres que ainda são levadas a assumir múltiplos papéis e, por isso, continuam enfrentando barreiras para concluir uma graduação, mesmo que a distância.

2. Revisão de Literatura

A revisão de literatura contemplou as questões ligadas à mobilidade intergeracional de educação e a educação a distância, focando nas mulheres adultas. Foi dividida em três tópicos, conforme apresentado a seguir.

2.1. Mobilidade intergeracional de educação

A mobilidade intergeracional de educação ascendente é comumente citada por muitos especialistas e pesquisadores como uma das ferramentas capazes de promover o desenvolvimento humano, social, econômico, cultural e político na vida de um indivíduo que tiver o nível de escolaridade, enquanto filho/a

adulto/a, maior do que o alcançado pelo seu pai e/ou sua mãe (SALATA, 2018).

A este respeito, Carvalhaes e Ribeiro (2019) assinalam que, filhos/as de pais com baixa ou nenhuma escolaridade, que concluem o ensino superior, tendem a quebrar a chamada “armadilha” da pobreza, uma vez que esse nível de ensino eleva as chances de conseguir empregos com salários e condições de vida melhores. Ademais, Stokes (2017) argumenta que alunos cujo pais possuem formação superior têm acesso a familiares que os ajudam a entender a cultura do ensino superior, por meio de conversas sobre a escolha de um curso e os papéis que desempenham para o seu desenvolvimento pessoal e socioeconômico. E que o oposto é verdadeiro para o primeiro, alunos que não têm pais que possam compartilhar essas ideias.

Johnstonbaugh (2018) destaca que estudantes com baixos níveis de status socioeconômico encontram uma grande variedade de desigualdades, desde o início da vida devido às diferenças nas práticas parentais e de acesso a cuidados infantis de qualidade, além de barreiras fisiológicas para a aprendizagem, como acesso limitado a alimentos saudáveis e condições de vida promotoras da saúde, mas também dependem de habilidades, conhecimentos, capitais sociais e conexões.

Assim, resume-se que a educação dos pais já é um resultado de circunstâncias estruturais relacionadas a essas mesmas forças sociais, mas também fenômenos de construção recíproca que, por sua vez, moldam complexos de desigualdades educacionais desde as condições e circunstâncias do início da vida (NGUYEN, 2018).

Outros estudos assumem que ser um aluno sem pais com formação superior, tem um efeito único não só em relação à classe social, mas, também ao gênero. De acordo com Singh (2020), a divisão de gênero ainda existe em todas as esferas da vida, incluindo o acesso das mulheres à formação superior, de modo que os tradicionais papéis de gênero continuam a responsabilizar exclusivamente a mulher pelos cuidados familiares, assim o trabalho doméstico é um dos obstáculos à sua aspiração educacional.

Uma opção viável para a população, que não acessou a graduação após término do ensino médio, mesmo este sendo, frequentemente, o caminho natural de muitos estudantes que acessaram o ensino superior, assim como seus pais e/ou avós o fizeram. Aqui se sugere, como oportunidade, a Educação a Distância. Os programas de EAD têm sido considerados por universidades de todo o mundo a maneira mais prática para aumentar o acesso a formação universitária (CHAWINGA *et al.* 2016), sendo procurada principalmente por aprendizes adultos, já que, “a flexibilidade oferecida pelo aprendizado *on-line* permite que os alunos combinem estudo com trabalho remunerado, família e outras responsabilidades” (STONE *et al.* 2019, p. 11).

2.2. Modalidade a distância de educação

Nos últimos anos tem havido um crescimento na oferta de cursos nesta modalidade de ensino não presencial, essa difusão tão grande é consequência do desenvolvimento tecnológico e também das políticas públicas voltadas para a área. Para colocar em prática as ações e políticas em EAD, o Ministério da Educação do Brasil em parceria com a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES) e empresas estatais, instituiu o Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB).

Em 14 anos de existência, o projeto tem se mostrado como uma possibilidade de democratização do sistema público propiciando educação superior para a população residente em locais remotos que não possuem a oferta de cursos superiores, bem como para atender o público que deseja entrada no sistema de ensino superior, mas que por algum motivo tiveram que interromper os estudos e/ou são impedidos de estar presencialmente e diariamente em uma sala de aula.

De acordo com dados da ABED (2018), o sistema conta com 133 Instituições Públicas de Ensino Superior (IPES), ofertando 800 cursos em 777 polos, para 116 mil alunos e representações por todo o Brasil. Vale destacar que a UAB não é uma instituição, como outras Universidades Abertas ao redor do mundo, mas trabalha integrando uma rede com as principais IPES, para o oferecimento dos cursos de nível superior à distância, nos mais diferentes municípios brasileiros, através da implantação do Polo de Apoio Presencial ou Polo UAB, que cumpre a função de oferecer espaço físico nos municípios para acolhimento dos estudantes em atividades específicas.

No caso, a instituição em que foi realizada a pesquisa, participou do primeiro grupo de IPES que se vincularam à UAB, quando da sua criação, para o oferecimento do curso piloto de Administração à distância em 2006. Entre 2011 e 2015, via edital UAB foram oferecidos os cursos de Licenciatura em História e Matemática e os cursos de Pós-Graduação Lato Sensu em Gestão Pública, Gestão Pública Municipal e Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça, todos a distância e completamente gratuitos, por se tratar de uma instituição pública federal.

Os cursos de Licenciatura em História e Matemática (EAD) foram geridos pela Coordenadoria de Educação Aberta a Distância (CEAD) em parceria com os Departamentos de História e Matemática, que por sua vez, realizaram uma seleção de vestibular específico para os referidos cursos, sendo matriculados cerca de 250 estudantes em cada curso, distribuídos em cinco polos de apoio presencial, instalados em cinco municípios do estado de Minas Gerais.

Segundo dados, extraídos dos cadastros dos estudantes, do total de matriculados nos referidos cursos, 378 (69,3%) estudantes são do sexo feminino e 167 (30,7%) do sexo masculino. Neste contexto, acrescentamos a análise de gênero, como um determinante importante para analisar qual a relação entre arranjo familiar, seja a mulher, esposa, mãe, ou solteira, reconhecendo que isso pode ser destacado como tendo um impacto fundamental na natureza da experiência educacional, principalmente, das egressas adultas (com mais de 25 anos de idade) que avançaram até o nível superior, por meio da EAD.

2.3. EAD na perspectiva de gênero

No geral, a literatura empírica existente sobre o fato tem ressaltado os efeitos que a formação de nível superior apresenta para estas mulheres, bem como os obstáculos neste processo (STONE *et al.* 2019; STOKES, 2017; MUIR, *et al.* 2019). A este respeito, Laube (2018) assinala que nem todas as mulheres tinham a possibilidade de uma educação universitária e a escolha por uma carreira, e mesmo quando conquistavam uma vaga na universidade, ainda sofriam com a resistência ao investimento, pois em casa elas não podiam ser estudantes e, no campus, não podiam ser esposas e mães.

Entre os principais motivos para as mulheres nunca terem frequentado a escola, e/ou não permanecerem estudando, apontado pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (IBGE, 2019) foram, não ter interesse em estudar (24,1%), seguido de gravidez e trabalho (ambos com 23,8%), além disso, realizar afazeres domésticos (11,5%), enquanto para os homens este percentual foi inexpressivo (0,7%).

De acordo com Fontanella *et al.* (2020), o casamento e/ou a gravidez, ainda que sejam eventos atualmente postergados em maior frequência, podem influenciar para um menor nível de escolaridade, devido ao fato de as mulheres abandonarem os estudos para se tornarem “donas de casa”. Já Walker (2018) fornece uma visão geral de que a violência de gênero é outro motivo que pode provocar consequências negativas nos resultados educacionais das mulheres. Ou seja, não são todas as mulheres que podem realizar uma graduação, principalmente, aquelas com filhos pequenos, o que, muitas vezes, não se trata de uma escolha livre, e sim uma necessidade dentro da própria casa.

Entretanto, Stone *et al.* (2019) ressalta que há evidências crescentes de que a disponibilidade do apren-

dizado *on-line* está ajudando a ampliar o acesso ao ensino superior para estudantes de origens diversas. Em virtude da flexibilidade oferecida por este tipo de modalidade a distância, os alunos podem combinar estudo com trabalho remunerado, família e outras responsabilidades.

Neste cenário contemporâneo, de oportunidades educacionais *on-line*, percebe-se uma estratégia empreendida pelas estudantes adultas, na conquista de um diploma, bem como, na promoção da mobilidade intergeracional de educação. Elas estão cada vez mais escolhendo estudos visando conciliar outros compromissos, incluindo as responsabilidades pelas crianças, parceiros, e possivelmente outros membros da família. Além do mais, há uma proporção significativamente maior de mulheres mais velhas, mais representadas que homens, concluindo o nível superior na EAD (STONE *et al.* 2019).

Tendo em vista esta realidade, prevalece um dos grandes desafios para as políticas públicas no caso do Brasil: eliminar a desigualdade de gênero, o que impede que as mulheres, sobretudo aquelas filhas de pais com baixo grau de instrução, que já atuam no mercado de trabalho, possuem filhos e estão acessando pela primeira vez o ensino superior, tenham oportunidade de concluir essa formação.

3. Metodologia

A seguir será apresentada a metodologia utilizada no presente estudo, no que tange a população, tipo de pesquisa e coleta de dados.

3.1. População

A população do presente estudo foi formada por estudantes dos cursos de Licenciatura em História e Matemática a distância, oferecidos por uma Instituição Pública de Ensino Superior, localizada no estado de Minas Gerais. O universo da pesquisa se constituiu de 225 estudantes que participaram dos referidos cursos no período entre 2011 a 2015. O estudo foi realizado utilizando-se a análise e descrição de dados secundários extraídos do Cadastro de matrícula dos estudantes e do Questionário de Pesquisa Socioeconômico aplicado aos estudantes que ingressam na referida instituição.

O perfil da amostra dos sujeitos da pesquisa ficou em estudantes com idade acima de 25 anos. A maior parte da amostra tem idade entre 25 e 34 anos (40,44%), seguido por 35 e 44 anos (28,38%), abaixo de 25 anos (18,73%) e acima de 45 anos chegando a 65 anos (12,43%). A maioria dos estudantes é composta por mulheres (69,3%). Com relação à composição domiciliar, os egressos estão distribuídos da seguinte forma: 11,5% são do tipo unipessoal, 24,0% são casais sem filhos, 24,8% são casais com filhos, 19,1% são monoparentais, 9,7% são famílias estendidas e 10,6% são domicílios compostos. A escolaridade dos pais da amostra é baixa, sendo que 36,9% iniciaram, mas não concluíram o Ensino Fundamental, seguido por 35,6% alfabetizados.

3.2. Tipo de pesquisa e coleta de dados

Para o desenvolvimento do presente artigo, foi adotado o enfoque quantitativo, utilizando-se de dados secundários, caracterizando, assim, a pesquisa como exploratório-descritiva. Dentro dessa proposta, foram utilizadas as técnicas de: a) análise documental dos cadastros dos estudantes que ingressaram nos cursos de graduação a distância em 2011; b) questionário estruturado para extração de informações do banco de dados do Questionário de Pesquisa Socioeconômico da referida IPES, em que foi possível identificar, mapear e categorizar informações quantitativas a respeito do perfil dos egressos.

A organização e a descrição dos dados ficaram a cargo da Estatística Descritiva, que segundo Vieira (2002, p. 65), “expõe as características de determinada população ou de determinado fenômeno, mas não

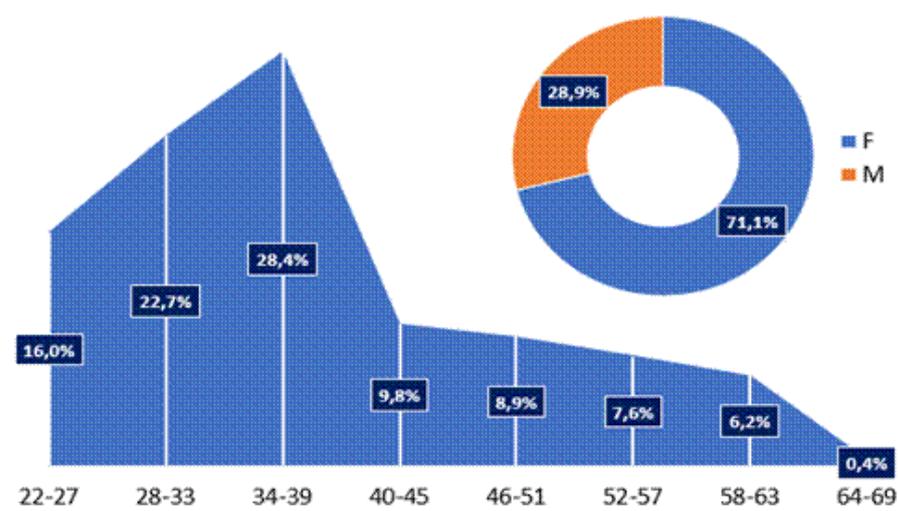
tem o compromisso de explicar os fenômenos que descreve, embora sirva de base para tal explicação”. Para a construção da pesquisa, também foi realizado um estudo teórico que envolveu uma revisão de literatura sobre o tema educação a distância e mobilidade intergeracional de educação. Segundo Ferrari (1974) o objetivo da revisão de literatura consiste em permitir ao pesquisador o esforço paralelo na análise de seus estudos ou manipulação de suas informações.

Na análise dos dados utilizou-se o software STATA - Data Analysis and Statistical Software, privilegiando a análise descritiva com base na correlação de diferentes variáveis, sendo tabulados e organizados em porcentagens e gráficos, para facilitar a discussão sobre o tema. Conforme Minayo e Sanches (1993), esse método é utilizado quando se almeja definir indicadores, classificações e análises estatísticas e permitem processos exploratórios mais amplos, no que diz respeito ao tamanho da amostra.

4. Resultados e Discussão

Em correspondência com o grupo alvo do curso, se evidencia uma consistência na média de idade dos egressos, 42,7 anos, com mínimo de 22 anos e máximo de 69 anos. Sendo que, 10% dos mais jovens possuem 25 anos ou menos e 25% dos mais velhos tem 45 anos ou mais. Isso acontece porque os cursos preferencialmente visam capacitar professores que já atuavam nas escolas públicas estaduais e municipais nas áreas de História ou Matemática, e que ainda não tinham formação superior em Licenciatura. Existe uma prevalência de egressas do sexo feminino, correspondendo a 160 mulheres (71,2%) e 65 homens (28,8%), conforme o Gráfico 1.

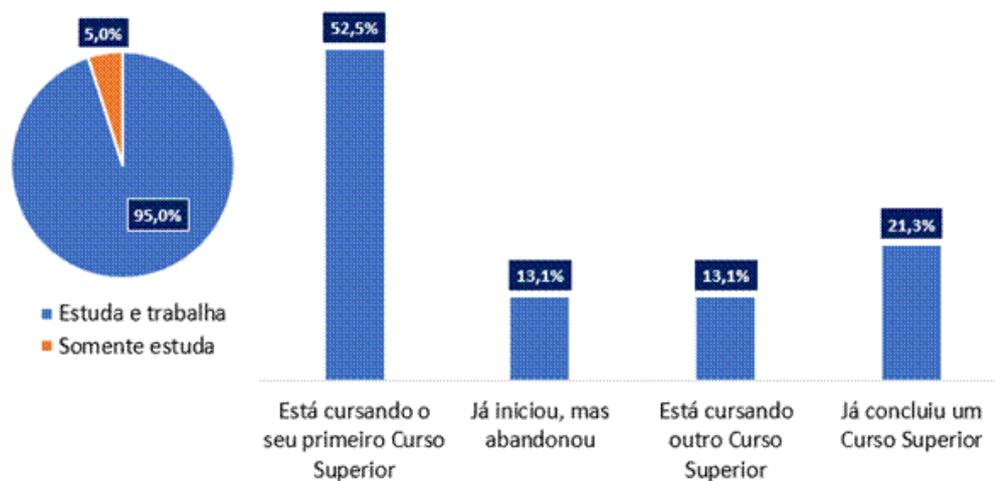
Gráfico 1: Percentuais em relação à média de idade e sexo dos egressos dos cursos de graduação a distância.



Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados coletados (2021).

Os números parecem corroborar com a visão tradicional do papel da mulher, de que a EAD é ideal para elas, pois elas precisam conciliar as obrigações do lar com suas carreiras profissionais. Das 160 egressas do sexo feminino, somente 8 declararam não possuir emprego no momento de fazer a inscrição, isso resume uma taxa de desemprego de apenas 5%. Assim, 95% admitiram precisar trabalhar para se manter, enquanto estavam cursando a universidade; ademais, do total de egressas, 84 (52,5%) estavam cursando o seu primeiro curso superior, 34 (21,3%) já possuíam outra formação de nível superior, e 21 (13,1%) já iniciaram um curso superior, anteriormente, mas abandonaram e/ou estavam cursando outro curso superior, conforme apresentado no Gráfico 2.

Gráfico 2: Percentuais em relação a trabalho x estudo e grau de formação dos egressos dos cursos de graduação a distância.



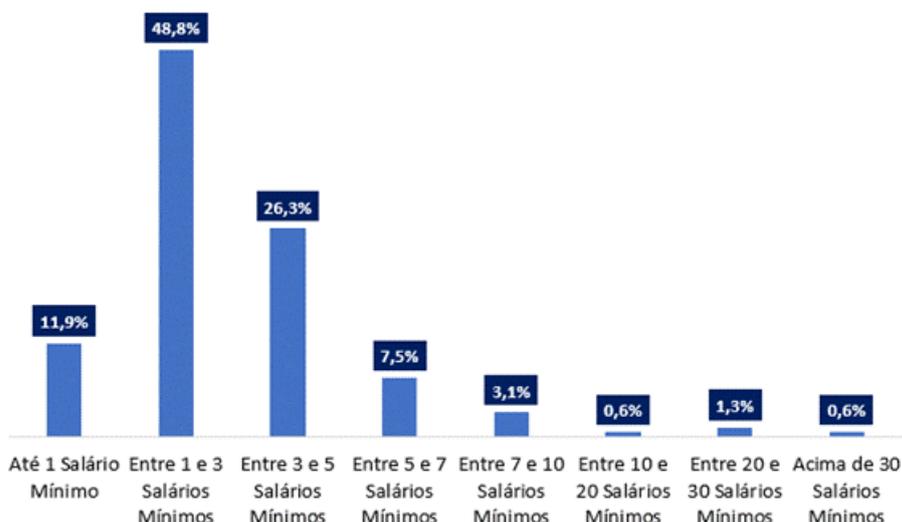
Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados coletados (2021).

Segundo Stone *et al.* (2019), as mulheres estão cada vez mais escolhendo estudos visando conciliar outros compromissos, incluindo as responsabilidades pelas famílias, parceiros, crianças e possivelmente outros membros da família.

Contudo, Almeida (1998) salienta que as mulheres, pelos papéis sociais que desempenham, acabam realizando escolhas que não conflitam com as estruturas de poder e as questões afetivas com as quais convivem cotidianamente. Ademais, Singh (2020) ressalta que até poucas décadas atrás, somente as mulheres que pertenciam às classes altas e de elite chegavam até o ensino superior e, por conseguinte, podiam levar uma vida social e profissional eminente.

Assim, a partir da ampliação e democratização das oportunidades de acesso ao ensino superior brasileiro, no caso, pela UAB. Nota-se, no Gráfico 3, que, apesar da heterogeneidade de *status* socioeconômico da amostra, as que mais acessaram os cursos são as egressas das classes baixas e médias. A renda mensal do grupo familiar das egressas teve um predomínio de 78 (48,8%) com renda mensal de 1 e 3 salários-mínimos, seguido por 42 (26,3%) entre 3 e 5 salários-mínimos, e 19 (11,9%) com até 1 salário-mínimo.

Gráfico 3: Percentuais em relação à renda mensal do grupo familiar dos egressos dos cursos de graduação a distância.

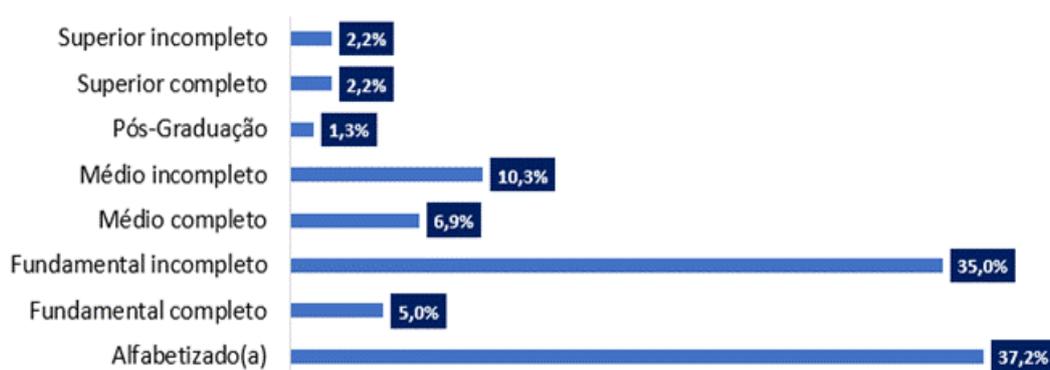


Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados coletados (2021).

De acordo com Mahlmeister *et al.* (2017), a influência do grau de instrução educacional dos pais sobre os rendimentos dos/as filhos/as quando adultos no nível de renda, é apresentada como um dos efeitos da mobilidade intergeracional entre gerações, dentre outras características sociodemográficas.

Nesse sentido, foi atestado que a distribuição educacional do pai e/ou da mãe das egressas, apresenta mobilidade relativamente baixa. Distinguiu-se um total de 8 diferentes níveis de instrução, com uma amplitude que vai de alfabetizados a pós-graduados. Foram analisados se o pai e/ou a mãe possuía superior completo - somente 7 (2,2%) do total de egressas possuíam este nível de formação; e pós-graduação, cada qual possui dois representantes (1,3%). O Gráfico 4 ilustra esta distribuição do grau de instrução dos pais no universo de egressas.

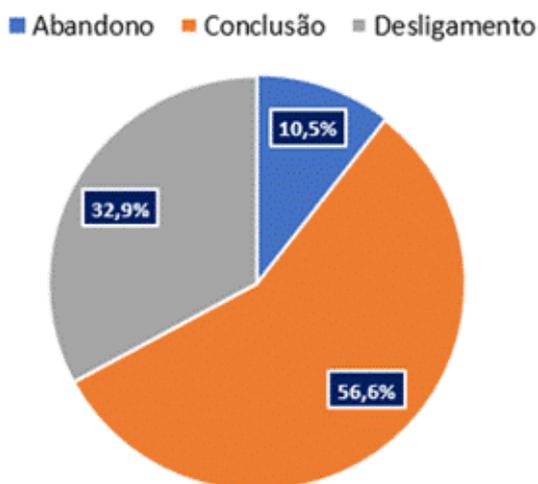
Gráfico 4: Percentuais em relação ao grau de instrução mais alto do pai e da mãe dos egressos dos cursos de graduação a distância.



Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados coletados (2021).

Por conseguinte, verificou-se no Gráfico 5 que 152 (95%) egressas são filhas de pais sem formação superior. Deste total, 86 (56,5%) concluíram um dos cursos, 16 (10,5%) abandonaram e 50 (33%) foram desligadas por reprovações. É possível notar que a conclusão das mulheres ocorreu de modo expressivo; elas persistiram na mobilidade intergeracional de educação, superando a grau de instrução de seus pais.

Gráfico 5: Percentuais em relação às taxas de conclusão e desistência dos egressos filhos/as de pais sem formação superior.



Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados coletados (2021).

De modo, a analisar a composição familiar e os percentuais de conclusão e evasão nos cursos de graduação a distância, foi possível evidenciar que apesar das taxas percentuais de não conclusão prevalece-

rem em quase toda a distribuição das egressas por composições domiciliares, o tipo unipessoal (69,2%) foi a única composição domiciliar a aparecer com mais que o dobro de conclusão em relação à evasão.

Por outro lado, as baixas taxas de conclusão dos cursos do tipo monoparental (25%) podem estar relacionadas a muitos fatores, como a presença de filhos e/ou a situação de não ter cônjuge ou uma rede familiar - isso pode desestimular os estudos, devido ao tempo para conciliar atividades geradoras de renda, cuidado de filhos e afazeres domésticos.

Já a presença ou não de filhos nas composições domiciliares dos casais revelaram resultados pouco esperados, pois verificou-se que casais sem filhos (47,1%) tiveram uma diferença mínima de conclusão em relação aos casais com filhos (46,4%), assim como a família estendida (41,8%) e o domicílio composto (36%); contudo, nesses casos, o uso do tempo parece um pouco menos conciliado com a educação formal, conforme foi apresentado na Tabela 1.

Tabela 1: Distribuição das pessoas, segundo composição domiciliar e conclusão nos cursos de graduação a distância.

Arranjo domiciliar	Concluiu %	Não concluiu %	Total: %
Unipessoal	69,2	30,8	100
Casal sem filhos	47,1	52,9	100
Casal com filhos	46,4	53,6	100
Monoparental	25,0	75,0	100
Família estendida	41,8	58,2	100
Domicílio composto	36,0	64,0	100

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados coletados (2021).

Em função destes resultados, Vergara *et al.* (2012) reforçam a necessidade de se pensar outros indicadores, que não só sociais e econômicos, para explicar a baixa conclusão nos cursos de graduação a distância, mas, também analisem questões sobre a mobilidade intergeracional, ciclo de vida, idade, acesso geográfico, redes sociais familiares, entre outros. A seguir, será apresentada a metodologia utilizada no presente estudo, no que tange à população, tipo de pesquisa e coleta de dados.

4. Conclusão

Este artigo indica que ainda há muitas coisas a serem indagadas nas políticas educacionais de acesso, permanência e conclusão do ensino superior a distância, pautadas na ampliação de ideais, novos interesses e necessidades das mulheres. As considerações feitas afirmam que as mulheres adultas têm consolidado, ao longo das últimas décadas, sua participação nas universidades.

Concluimos que a Educação a Distância tem sido uma opção viável para os programas de ensino superior do Brasil, sob o argumento de que a EAD é um processo crescente e também inclusivo. Mostramos que mulheres adultas, sejam elas esposas, mães ou solteiras, mesmo cursando pela primeira vez um curso superior, exercendo atividade remunerada enquanto estudam, pertencentes a classes baixa e média, filhas de pais sem formação superior, têm conseguido elevar a mobilidade intergeracional de educação e conquistado um diploma superior por meio da EAD.

Do mesmo modo, é de interesse expandir esta pesquisa para que formuladores de políticas públicas

possam reconhecer o Sistema UAB como um legado que ultrapassa os limites de uma profissionalização restrita apenas à obtenção de uma titulação, mas que apontam para perspectivas de continuidade e de abrangência que contemplam a qualificação acadêmica, o plano de carreira e a política de remuneração, sendo capaz de proporcionar, cada vez mais, oportunidades a cidadãs e cidadãos, estados e municípios de todo o Brasil e do mundo.

Agradecimentos

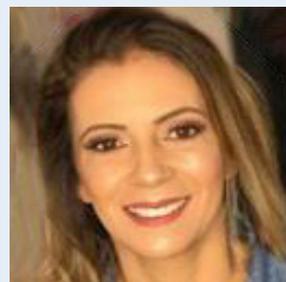
O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Código de Financiamento 132344/2020-3, que concedeu a bolsa de estudos e permitiu me dedicar integralmente ao mestrado.

Biodados



ROSSI, T. R. é Mestre em Economia Doméstica e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Graduada em Ciências Sociais pela UFV. Especialista em Educação Inclusiva pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Atua na UFV como Monitora Inclusiva e Tutora nos Cursos de Capacitação para Práticas Docentes.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8303-9183>
E-MAIL: thalita.rossi@ufv.br



BARROSO FONTES, M. é Professora Adjunta IV da UFV, Doutora em Demografia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Membro do grupo de pesquisa Famílias, Políticas Públicas, Desenvolvimento Humano e Social do DED/UFV. Atua principalmente nas temáticas relacionadas à dinâmica demográfica, demografia da família, economia domiciliar, composição e arranjos domiciliares, políticas sociais e trabalho/família.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0400-9307>
E-mail: mbfontes@ufv.br

Referências

- ABED - Associação Brasileira de Educação a Distância. **CENSO EAD.BR:** relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil 2018. Curitiba: InterSaberes, 2019.
- ALMEIDA, J. S. **Mulher e educação:** a paixão pelo possível. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- BRASIL. **Decreto nº 5.800, de 8 de junho de 2006.** Dispõe sobre o Sistema Universidade Aberta do Brasil-UAB. Diário Oficial da União, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/d5800.htm. Acesso em: 10 ago. 2021.
- CARVALHAES, F.; RIBEIRO, C. A. C. Estratificação horizontal da educação superior no Brasil: Desigualdades de classe, gênero e raça em um contexto de expansão educacional 1. **Tempo social**, v. 31, p. 195-233, 2019.

- CHAWINGA, W.; ZOZIE, P. Increasing access to higher education through open and distance learning: Empirical findings from Mzuzu University, Malawi. **International Review of Research in Open and Distributed Learning**, v. 17, n. 4, p. 1-20, 2016.
- EDUCAÇÃO, IBGE PNAD. Mais da metade das pessoas de 25 anos ou mais não completaram o ensino médio. **Agência IBGE Notícias**, v. 16, 2019.
- FERRARI, A. T. **Metodologia da ciência**. Kennedy Editora, 1974.
- FONTANELLA, L.; SARRA, A.; DI ZIO, S. Do gender differences in social institutions matter in shaping gender equality in education and the labour market? Empirical evidences from developing countries. **Social Indicators Research**, v. 147, n. 1, p. 133-158, 2020.
- INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação Superior: Sinopse Estatística** □ 2019. Boletim de Serviço Eletrônico em, v. 1, p. 02, 2019.
- INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Panorama da educação: destaques do Education at a Glance 2020**. Brasília (DF), 2020.
- JOHNSTONBAUGH, M. Conquering with capital: social, cultural, and economic capital's role in combating socioeconomic disadvantage and contributing to educational attainment. **Journal of Youth Studies**, v. 21, n. 5, p. 590-606, 2018.
- LAUBE, H. Resistance and Disruption: Women at the University of Michigan–Flint 1956–1966. **Women's Studies**, v. 47, n. 6, p. 617-636, 2018.
- MAHLMEISTER, R. *et al.* Revisitando a mobilidade intergeracional de educação no Brasil. **Revista Brasileira de Economia**, v. 73, p. 159-180, 2019.
- MEC - Ministério da Educação. **Portal Universidade Aberta do Brasil**. 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/politica-de-educacao-inclusiva?id=12265>. Acesso em: 16 ago. 2021.
- MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?. **Cadernos de saúde pública**, v. 9, p. 237-248, 1993.
- MUIR, T. *et al.* (2019). Chronicling engagement: students' experience of on-line learning over time. **Distance Education**, v. 40, n. 2, p. 262-277, 2019.
- NGUYEN, T.; NGUYEN, B. M. D. Is the “first-generation student” term useful for understanding inequality? The role of intersectionality in illuminating the implications of an accepted—yet unchallenged—term. **Review of Research in Education**, v. 42, n. 1, p. 146-176, 2018.
- SALATA, A. Ensino Superior no Brasil das últimas décadas: redução nas desigualdades de acesso? 1. **Tempo Social**, v. 30, p. 219-253, 2018.
- SINGH, S. Voicing their stories: A discourse on the relationship between education and the social position of Indian women in the mid-twentieth century. **Journal of International Women's Studies**, v. 21, n. 2, p. 153-168, 2020.
- STOKES, J. W. **Examining the sense of belonging of first-generation students and their college persistence: An exploratory interview study**. PhD diss., University of Tennessee, 2017.
- STONE, C. *et al.* Opportunity through on-line learning: Experiences of first-in-family students in on-line open-entry higher education. **Australian Journal of Adult Learning**, v. 56, n. 2, p. 146, 2016.
- STONE, C. *et al.* Equal or equitable?: The role of flexibility within on-line education. *Australian and International Journal of Rural Education*, v. 29, n. 2, p. 26-40, 2019.

TERRES-TRINDADE, M.; SOUZA, F. P.; PREDEBON, J. C. Intergeracionalidade e educação: a perpetuação de práticas educativas maternas. **Pensando Famílias**, v. 16, n. 2, p. 29-45, 2012.

VERGARA, S.; GOMES, A. P. Gênero no ambiente acadêmico. **FREITAS, EE**, 2012.

WALKER, M. Aspirations and equality in higher education: gender in a South African university. **Cambridge journal of education**, v. 48, n. 1, p. 123-139, 2018.